

JOHN AJVIDE  
LINDQVIST

REALIDADE

AMOSTRA

*Tradução de Guilherme Braga*

TORDSILHAS  
Rio de Janeiro, 2024

09:32

Viro o rosto para mostrar meu melhor ângulo em relação à luz do sol que entra pela janela. No parapeito, vejo uma mosca morta. Não, morta não. Ela está de costas, mexendo as patinhas finas como se tentasse agarrar-se ao ar. Penso em me levantar para ajudá-la. Mas logo me lembro do cabo. Houve um problema técnico qualquer, e por isso precisamos usar um cabo hoje. Continuo sentada.

Quando mais um minuto se passa sem que terminem os ajustes, meu olhar é mais uma vez atraído para a mosca. Para aquelas patinhas finas. Bastaria um toque para trazê-la de volta à vida. Seria uma boa ação. Este poderia ser o motivo: uma boa ação. Um gesto que parece bom e indica que sou uma pessoa que se importa com os fracos e desamparados, mesmo que sejam apenas insetos.

Mas seria verdade? Os limites entre quem sou, quem imagino ser e quem eu gostaria de ser parecem mudar o tempo todo. Ou então deixaram de existir. Não, não é nada disso. Ainda existem zonas, regiões e coisas que não compartilho. Deve ser assim, não? Porém o meu engajamento com animais é bem-documentado, uma característica que imagino ter origem em mim. A essa altura já parei de pensar na mosca e voltei minha atenção para dentro.

Olho para as minhas mãos. Tenho rugas nas articulações dos dedos e uma cutícula solta no anular esquerdo. Eu nunca disse que sou perfeita. Mesmo assim, a cutícula solta me incomoda e enfeia

o diamante na minha aliança de casamento. A cutícula e a mosca. Talvez eu devesse gritar por ajuda.

Ninguém percebe quando levo a mão esquerda à boca e, sem estragar o batom, prendo a cutícula solta com todo o cuidado entre os dentes. Mordo e puxo. Meu dedo arde e por um instante me sinto totalmente presente. Sinto o pedaço de cutícula fazer cócegas na minha língua e me desespero ao ouvir uma voz: *A pessoa está lá CUSPINDO?* Não é uma voz de verdade, mas pouco importa. Engulo a cutícula e viro o rosto para a frente outra vez.

Agora tudo parece estar no lugar e os ajustes terminaram. Um último acerto do refletor e a ordem de silêncio. O único som que se ouve no cômodo é um leve sopro, a respiração do cosmo. Olho para as minhas mãos. Uma pérola de sangue formou-se no ponto onde arranquei a cutícula, uma cabeça de alfinete que aos poucos cresce e estoura. Uma listra de sangue fina como uma linha de costura escorre por cima da unha. O efeito é realista ao extremo.

Alguém limpa a garganta e pergunta: “E então, qual é a sensação? Em relação ao lançamento?”

Viro-me um pouco em direção à oval do rosto que pergunta e digo: “É uma sensação muito boa. Muito emocionante mesmo.”

Ao fim de mais umas perguntas, o corte está pronto. Recebo elogios. A maquiadora retoca o pó e me libera. Quando o meu olhar sente-se novamente atraído rumo ao parapeito, noto que a mosca sumiu.

09:39

O canal do YouTube da minha “filha” tem cerca de vinte vezes mais assinantes do que o meu. Temos públicos diferentes. Os vídeos de Alice falam sobre moda e maquiagem, enquanto eu faço vídeos de estilo de vida. Como não gosto do nome “influencer”, me descrevo como “coach de lifestyle”. Esse nome também me incomoda, porque não me representa, mas ainda assim foi o nome que estava disponível. O ideal seria me descrever apenas como “companheira”.

E não me refiro a uma companheira no sentido de “ajudar” alguém. Associações que despertam sentimentos de consolo, ternura, compreensão. Conheço bem esses conceitos, mas quando uso a palavra “companheira” me refiro ao sentido de *uma pessoa no meio das outras*. Não há nada de especial em relação a mim. A não ser por *aquilo*, sou apenas uma pessoa que tenta viver a própria vida da melhor forma possível, entre o céu e a terra como todas as outras.

Hoje é um grande dia. Alice vem trabalhando há um ano com a Lancôme para desenvolver uma linha própria de maquiagem, chamada AliceW. Alice in Wonderland. Original. Hoje ao meio-dia é o lançamento, e Alice vai fazer uma live simultânea no Facebook, no Instagram e numa outra rede que já esqueci como se chama. A família toda está envolvida.

Durante o intervalo na gravação eu vou à cozinha tomar café. Não encontro a minha caneca. Procuo no armário e na máquina de lavar louça, mas a caneca não está em lugar nenhum. Chamo Sandra, a cenografista. “Sandra? Você por acaso não viu a minha caneca?”

Sandra chega na cozinha com um bloco na mão. Como a produção é relativamente simples, ela também trabalha com o roteiro ou com o *continuity* não sei das quantas. O trabalho dela é cuidar para que tudo esteja no devido lugar, e assim sejam evitados os erros de continuidade. Sandra olha ao redor e diz: “Que caneca?”

“A minha caneca de sempre.”

“Hmm, como ela é?”

“Branca com um... você sabe, aquele símbolo preto da Nike.”

“O swoosh?”

“É. O swoosh.”

Sandra bate a caneta de leve contra os lábios enquanto pensa. Depois os olhos se arregalam e ela ergue um dedo no ar. “Ah, mas é claro! Foi o Peter que...”

“Que Peter?”

“O diretor técnico. Ele viu a caneca e, como não temos patrocínio da Nike, pediu que removessem ela daqui.”

“Removessem ela daqui?”

“É, foi o que ele disse. ‘Será que alguém pode remover essa caneca daqui?’, e então alguém removeu.”

“E removeu para onde?”

“Não faço ideia.”

Largo o meu peso na cadeira da cozinha. Aquela caneca estava comigo desde a época do segundo grau, e era uma das coisas que eu tinha levado comigo quando saí de casa. A grossura é ideal, e a curvatura da borda se encaixa à perfeição nos meus lábios. Ou

então são os meus lábios que com o passar dos anos se adequaram à curvatura. Mas aquela caneca é parte de mim, um dos muitos fragmentos a partir dos quais a minha identidade é construída, então eu digo: “Não.”

“Não?”

“Não. Eu não aceito.” Estendo o braço em direção à caneca do zoológico que Totte usou para tomar o café da manhã. “Olhe aqui.” Em um dos lados a caneca ostenta a marca do zoológico, e em relação à asa a marca fica na mesma posição do logo na caneca da Nike. Faço uma demonstração com movimentos enfáticos. “Eu seguro a caneca sempre com a mão direita, e o que você vê nesse momento? Bem, o logo fica virado para mim, e portanto não aparece na filmagem.”

“Mas pode ser que você a ponha na sua frente e então...”

“E então eu *giro* a caneca em meia volta? Por que eu faria uma coisa dessas?”

“Eu não sei, foi o Peter que...”

“Não aceito isso.”

“Tuuudo bem. Mas o que isso significa?”

“Significa que não vamos continuar a filmagem enquanto a minha caneca não tiver aparecido.”

Sandra olha para o relógio. “Olha, o nosso cronograma está bem apertado hoje...”

“Me desculpe, Sandra, mas eu estou me lixando. É a *minha* caneca e eu quero ela agora.”

Sandra aperta os lábios e faz um gesto afirmativo com a cabeça. “Eu vou ver o que posso fazer.” Depois ela sai da cozinha.

Fico sentada junto à mesa olhando para as minhas mãos, para a unha onde o sangue ressecou e virou uma listra escura. Já sei qual é

o tipo de conversa que vem a seguir. Vão dizer que Heidi Hallberg é uma cadela, que Heidi Hallberg quer *tudo do jeito dela*.

Mas eu preciso estabelecer limites, ora! É absolutamente necessário. Senão as pessoas vão se aproveitar de mim sempre que possível e me trazer cada vez mais problemas. Eu sei como as coisas se mexem na escuridão, como aparecem e desaparecem. Também sei o que se pretende, e por isso tenho que proteger a minha dignidade enquanto eu estiver presa nessa simulação.

AMOSTRA

9:53

Dez minutos depois Alice toma conhecimento do ocorrido e vai até a cozinha. Ela para na porta e olha para mim enquanto permaneço sentada junto à mesa com os ombros caídos.

“Sério, Heidi?”, pergunta ela. “Sério?”

Endireito as costas, ponho os ombros no lugar e digo: “Sim, Alice, sério.”

Alice olha ao redor para ver se não há ninguém filmando antes de puxar uma cadeira com um gesto brusco, jogar os longos cabelos para trás e dizer em voz baixa: “Você faz essas coisas só pra me sabotar, né?”

“Eu garanto que...”

“Eu sei que você tem inveja de mim porque eu tenho muito mais seguidores do que você e também porque tenho uma personagem mais popular, eu sei, mas...”

“Eu não me vejo como uma personagem.”

Alice revira os olhos exatamente como o pai. Ela é a primeira filha de Totte, do primeiro casamento, e eu sou a madrasta má. Juntos, eu e Totte tivemos dois filhos, Berit e Gösta, e conseqüentemente para eles eu sou a mãe má. Dentro do possível, tentamos não envolver nenhum deles nos assuntos da série. Mas ainda assim eles sofrem provocações na escola.

“Você entende o que eu quero dizer”, diz Alice enquanto começa a balançar um dos joelhos para cima e para baixo. “Todo mundo aqui está interpretando um papel, mas você se nega a interpretar o seu.”

“Não é nada disso”, respondo. “Assim que eu tiver a minha caneca de volta eu retomo as minhas tarefas normais.”

“A sua caneca”, diz Alice, balançando a cabeça com uma expressão desconfiada. “O que tem essa porcaria dessa caneca?”

“É minha. E só minha.”

Alice suspira e passa um tempo com o olhar fixo na mesa. Quando torna a erguer a cabeça, os olhos dela se estreitam. “Isso não é quebra contratual?”

“É bem possível que seja”, respondo. “Dê uma olhada. Talvez você possa me processar.”

Alice permanece em silêncio, com os olhos fixos em mim. Depois é como se alguém passasse um pincel macio sobre o rosto dela. Os traços tornam-se mais delicados e ela ganha um ar suplicante quando diz: “Você sabe como esse lançamento é importante para mim.”

“Claro. Eu sei.”

“Então? Será que você não pode... simplesmente agir de um jeito legal?”

“Eu posso ser muito legal. É só eu ter a minha caneca de volta.”

Alice expira pelo nariz e o rosto dela se crispa como um punho quando ela faz um gesto afirmativo com a cabeça sem dizer mais nada. “Você é louca de atar, sabia?”

“Não. Não sabia. Mas eu sei o que é real e o que não é real.”

Alice se levanta e segura o encosto da cadeira. “Você percebe que fala como se fosse uma louca?” Com um gesto brusco, Alice

empurra a cadeira, batendo secamente contra a mesa. Antes que ela possa sair eu digo: “Alice?”

Ela me encara, furiosa. “O quê?”

Faço um gesto com a mão que indica tudo: eu, ela, a cozinha e a conversa que acabamos de ter. “Isso teria dado uma boa cena.”

Alice bufa, faz um gesto circular com o indicador na lateral da cabeça e se afasta a passos largos. Continuo sentada e penso em sondas inseridas nos diferentes orifícios do corpo. Depois sirvo café na caneca do zoológico e bebo.

AMOSTRA

10:02

Pouco depois o produtor chega para me atormentar com uma explicação detalhada sobre a impossibilidade de encontrar a minha caneca. No dia anterior a caneca tinha sido descartada com o lixo, que já fora recolhido. A produção tinha entrado em contato com a companhia de coleta de lixo e recebido uma explicação segundo a qual mesmo que a caneca não tivesse sido esmagada no caminhão, encontrá-la seria como encontrar a proverbial agulha no palheiro. Simplesmente impossível.

“Não é impossível”, respondo. “Uma outra caneca do mesmo tipo serve.”

“Você quer dizer uma parecida, do mesmo tipo...”

“Não. Eu quero dizer idêntica. Mas não precisa ser a mesma.”

O produtor esfrega os dedos na cabeça. “E onde diabos você acha que a gente pode encontrar uma?”

“Não é problema meu. Foram vocês que levaram a minha caneca. Eu quero ela de volta. Tanto quanto seja factível.”

O produtor abre um sorriso amargo. “*Factível?* É assim que você chama o que está acontecendo?”

“Bom, não é impossível.”

“Você entende que isso criou uma verdadeira crise na produção, certo? Essa porcaria de caneca?”

“Vocês não podem pegar as minhas coisas. Vocês já podem fazer quase tudo. Ao menos deixem as minhas coisas em paz.”

“De repente parece que você se transformou numa *vítima*. Mas foi você mesma quem aceitou se envolver com isso tudo. Você assinou um contrato e está sendo paga.”

“Será mesmo que eu assinei um contrato?”

Uma nuvem de insegurança surge nos olhos do produtor. “Claro que assinou!”

“Não para essa temporada.”

Não estou querendo assustar ninguém. Estou apenas dizendo a verdade. Quando as filmagens da primeira temporada de *Em casa com os Hallberg* estavam começando, assinei um contrato de uma temporada e de mais duas temporadas adicionais caso a série desse certo. Aos poucos a série fez sucesso, e quando chegou a hora de gravar a quarta temporada as coisas aconteceram muito depressa. O novo filme de Totte estava prestes a estreiar, e ao mesmo tempo havia também o lançamento de Alice, então tudo precisou ser resolvido em poucas semanas.

O contrato foi enviado na semana passada. É bem provável que Totte, Alice e o namorado dela tenham assinado, mas eu não. A minha cópia ainda está no envelope, com a linha de assinatura em branco na última página, e em tese essa linha em branco representa um oceano de liberdade.

O produtor esfrega os olhos e diz: “Mesmo que fosse verdade... você quer mesmo sabotar toda a produção?”

“Não, não quero”, respondo. “Eu quero a minha caneca.” “Heidi, você parece uma criança mimada, sabia?”

“Uma criança doente mental, você quer dizer. Se formos juntar os diagnósticos.”

Quando me deixam mais uma vez em paz eu continuo sentada e passo os dedos sobre as rachaduras na superfície da mesa antiga. Rachaduras. Essa é a questão. Há dias em que eu não consigo me convencer de que *aquilo* realmente aconteceu. E há dias como hoje, em que estou totalmente convencida e encontro sinais por toda parte. Como a mosca que desapareceu, ou mesmo a minha caneca. Rachaduras.

Aqui, sozinha comigo mesma, não preciso esconder a possibilidade concreta de que eu tenha perdido o juízo. É uma explicação bem mais plausível, mas não é a explicação que se oferece hoje. Hoje estou vendo as rachaduras.

AMOSTRA

10:07

Quando Totte entra na cozinha eu já terminei de ler os comentários do meu vídeo mais recente no YouTube. Quase todos eram elogios. Só uns poucos eram de ódio. Isto já não significa nada para mim. Receber as opiniões de outras pessoas é uma função automática que só executo porque faz parte.

“E aí”, diz Totte, pegando uma maçã da fruteira. “Fiquei sabendo que você está grilada por causa duma xícara.”

“Caneca. Aquela com o logo da Nike.”

“Porra. Justo aquela. Você tem ela desde quando estudava em Hedenhös?”

“Exato. É por isso mesmo.”

“Saquei.”

Totte acena a cabeça e dá uma dentada na maçã vermelha. Sinto o impulso de avisá-lo, porque aquilo é uma maçã de porcelana e ele vai acabar estragando os dentes cuidadosamente alinhados. Mas as fileiras de dentes brancos e regulares atravessam a casca com um clique que logo vira uma sequência de estalos assim que ele arranca um pedaço grande. Os sons molhados e repetidos me levam a pensar em sexo, uma atividade à qual hoje raramente nos dedicamos.

Totte faz barulho ao engolir. Sem terminar de mastigar ele diz, ainda de boca cheia: “A Alice vai ter tipo uma crise nervosa.”

“É. Já me explicaram com minúcia de detalhes.”

Totte sorri. “Com minúcia de detalhes? Pare de falar como se você fosse um padre.”

“Só quando o inferno congelar.”

Eu tinha vinte e cinco anos quando conheci Totte, que na época tinha trinta e três. Depois de passar uns anos em cursos avulsos na universidade, eu trabalhava numa agência de publicidade. Ia frequentemente ao teatro, e como Torbjörn Hallberg fazia parte do elenco permanente do Dramaten eu já o tinha visto em diversas montagens. Quando num entardecer ele se aproximou de mim no Riche eu não me fiz de difícil.

Totte atribui muita importância ao fato de ter crescido ao lado da mãe solteira em Sundbyberg, ou “Sumpán”, como ele diz. Ele já contou a história em várias entrevistas, e provavelmente no programa de verão também. Não o critico, porque entendo que deve mesmo ter sido difícil por vários motivos. Mesmo assim, parece haver um elemento artificial na maneira como se atém a certas expressões e a certos gestos que pretendem dar a entender que ele não seria acima de tudo um ator de prestígio, mas um cara bacana da vizinhança. Pega mal.

E além disso ele usa esse histórico para desenhar melhor a própria identidade em relação à minha. Mesmo quando as câmeras estão todas ligadas, Totte faz pouco caso da minha formação e da minha infância livre de problemas. Mas não é bem assim. Eu também venho do que se poderia chamar de uma família humilde. Bagarmossen e pais que trabalhavam no setor de serviços e quase sempre viviam com certa normalidade, mas também brigavam. Os meus oitenta pontos no curso de história das ideias dificilmente serviriam de qualificação para a Academia de Ciências, mas aos